



***BULLYING, PRECONCEITO E VIOLÊNCIA LGBTQIA+FÓBICA EM
AMBIENTE ESCOLAR: UMA ANÁLISE NO INSTITUTO FEDERAL DO RIO
GRANDE DO NORTE***

***BULLYING, PREJUICIO Y VIOLENCIA LGBTQ+PHÓBICA EN EL ENTORNO
ESCOLAR: UN ANÁLISIS EN EL INSTITUTO FEDERAL DE RIO GRANDE DO
NORTE***

***BULLYING, PREJUDICE AND LGBTQ VIOLENCE+PHÓBICA IN SCHOOL EN
VIRONMENT: AN ANALYSIS AT THE FEDERAL INSTITUTE OF RIO
GRANDE DO NORTE***

Maria Cristina Cavalcanti Araújo¹

José Carlos da Silva Júnior²

Rebecka de França³

Jeam Claude de Souza Gomes⁴

RESUMO

O relato de *bullying* LGBTQIA+fóbico tem aumentado e pode causar danos persistentes na vida escolar. A LGBTQIA+fobia acontece em diferentes formas, ambientes e grupos

1 Professora Doutora. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.

2 Pós-graduando em Educação ambiental e Geografia do Semiárido, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.

3 Mestranda no Mestrado Profissional de Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.

4 Mestre no Programa de Pós-Graduação em Estudos Urbanos e Regionais (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.

sociais, ocorrendo desde às agressões físicas, verbais e psicológicas, à prática de homicídio, sendo reproduzidas nos mais diversos meios: nos lares, nas escolas, em praças públicas, ruas, grupos religiosos, no ambiente familiar e no ambiente escolar. Este artigo tem como objetivo identificar possíveis episódios de LGBTQIA+fobia presenciados por alunos e abordar como o tema é discutido nos domínios do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN. Foi realizada uma revisão da literatura e aplicado um questionário online utilizando o Google Formulários. O público alvo da pesquisa foram os discentes LGBTQIA+ dos cursos Técnicos Integrados, Subsequente, Superiores e Pós-Graduação, dos 22 campi do IFRN. Os resultados da revisão apontam que ainda há tabu nas discussões relacionadas à diversidade sexual e de gênero nas escolas. Alguns avanços foram identificados no IFRN, no entanto, há uma necessidade de maiores estudos que envolvam debates e esclarecimentos sobre a questão do gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão. Violência. Bullying LGBTQIA+fóbico. Gênero.

RESUMEN

El informe de acoso LGBTQIA+fóbico ha aumentado y puede causar daños persistentes a la vida escolar. Ocurre en diferentes formas, ambientes y grupos sociales, ocurriendo desde agresiones físicas, verbales y psicológicas, hasta la práctica del homicidio, siendo reproducido en diversos medios de comunicación: en hogares, escuelas, plazas públicas, calles, grupos religiosos, en el entorno familiar y en el entorno escolar. Este artículo tiene como objetivo identificar posibles episodios de fobia LGBTQIA + presenciados por los estudiantes y abordar cómo se discute el tema en los dominios del Instituto Federal de Rio Grande do Norte - IFRN. Se realizó una revisión de la literatura y se aplicó un cuestionario en línea utilizando Google Forms. El público objetivo de la investigación fueron los estudiantes lgbtqia+ de los cursos Técnicos Integrados, Posteriores, Superiores y de Posgrado de los 22 campus de la IFRN. Los resultados de la revisión indican que todavía hay tabú en los debates relacionados con la diversidad sexual y el género en las escuelas. Se han identificado algunos avances en la IFRN, sin embargo, existe la necesidad de más estudios que incluyan debates y aclaraciones sobre el tema de género.

PALABRAS-CLAVE: inclusión. violencia. Acoso LGBTQIA+fóbico. género.

ABSTRACT

Reports of LGBTQIA+phobic bullying have increased and can cause persistent damage to school life. It occurs in different forms, environments and social groups, ranging from physical, verbal and psychological aggression to the practice of homicide, being reproduced in the most diverse ways: in homes, schools, public squares, streets, religious groups, in the family environment and in the school environment. This article aims to identify possible episodes of LGBTQIA+phobia witnessed by students and address how the topic is discussed in the domains of the Federal Institute of Rio Grande do Norte - IFRN. A literature review was carried out and an online questionnaire was applied using Google Forms. The target audience of the research was the LGBTQIA+ students from the Integrated, Subsequent, Superior and Post-Graduate Technical courses, from the 22 IFRN campuses. The review results indicate that there is still a taboo in discussions related to sexual diversity and gender in schools. Some advances were identified in the IFRN, however, there is a need for further studies involving debates and clarifications on the issue of gender.

KEYWORDS: Inclusion; Violence; LGBTQIA+phobic bullying; Gender.

* * *

Introdução

A proposta desta pesquisa é investigar prováveis episódios de LGBTfobia experienciados, presenciados e sofridos por alunos e alunas no âmbito do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IFRN. O Bullying LGBTQIA+fóbico ou a LGBTQIA+fobia se manifesta nas mais diversas formas, ambientes e grupos sociais: pode ir desde as agressões físicas, verbais e psicológicas até o homicídio; sendo reproduzido nos lares, nas escolas, em praças públicas, ruas e grupos religiosos.

Segundo o estudo descrito por Martins *et al* (2020, p. 682), o bullying homofóbico “muitas vezes, é aprovada e reproduzida na escola pelos pares (estudantes, professores, coordenadores, gestores), fazendo surgir um ser invisível no meio acadêmico”, o que contraria a Lei 9.394/96, a qual que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), reconhecendo, no artigo 3º, o princípio IV, o qual discorre sobre o respeito à liberdade e o apreço à tolerância.

Destarte, como bem aponta Martins *et al* (2020, p. 683) “ainda temos escolas que segregam as sexualidades dissidentes, principalmente aqueles que trazem consigo marcas expressivas de sua orientação sexual ou identidade de gênero”. Entendemos que isso acontece porque a escola é um espaço que acolhe uma diversidade de pessoas, com valores familiares, religiosos, culturais e sociais dos mais diversos e, por esse motivo, comporta pessoas que têm uma carga de (pre)conceitos e valores e reproduzem a heteronormatividade, e nesse sentido, a aversão à diversidade, aos alunos LGBTQIA+’s.

Dados da Pesquisa Nacional Sobre o Ambiente Educacional no Brasil⁵, de 2016, apontaram que 73% dos estudantes LGBTQIA+ sofreram agressões verbais e 25% sofreram violência física por causa de sua Orientação sexual e, por esse motivo, 60% se sentiam inseguros/as na escola. Na mesma pesquisa, 36% dos/das respondentes expressaram que consideraram “ineficaz” a resposta dos/das profissionais para impedir as agressões. Nesse sentido, conforme aponta Junqueira (2019),

Diante do anseio de construirmos uma sociedade e uma escola mais justas, solidárias, livres de preconceito e discriminação, é necessário identificar e enfrentar as dificuldades que temos tido para promover os direitos humanos e, especialmente, problematizar, desestabilizar e subverter a homofobia. (JUNQUEIRA, 2019, p. 13).

Desse modo, a pesquisa sobre o bullying LGBTQIA+fóbico se torna necessária para o combate a essa prática, bem como auxilia na denúncia de casos e pode promover um ambiente escolar que seja seguro, solidário e inclusivo para todos, além de fazer parte do direito ao exercício da cidadania. Ademais, as discussões relacionadas ao gênero e à orientação sexual têm ganhado destaque no cenário acadêmico mundial; porém, ao mesmo tempo, são negligenciadas pelas políticas públicas, o que termina por favorecer a prática de LGBTQIA+fobia. Nesse sentido, torna-se fundamental o desenvolvimento de pesquisas, ações e projetos que viabilizem debates sobre a temática, em especial nas escolas. Conforme aponta estudos de Martins et al. (2020):

⁵ Este relatório apresenta análises e resultados da primeira pesquisa nacional virtual realizada no Brasil com adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) sobre as experiências que tiveram nas instituições educacionais relacionadas a sua orientação sexual e/ou identidade/expressão de gênero. (PESQUISA NACIONAL SOBRE O AMBIENTE EDUCACIONAL NO BRASIL, 2016, p. 13).

[...] fenômeno conhecido como bullying homofóbico é provocado por causa de uma visão antiLGBT, provavelmente alicerçada em uma visão de sexo somente para procriação, reiterando o ocultamento de discussões na escola sobre as sexualidades minoritárias (MARTINS *et al*, 2020, p. 684).

Portanto, a falta de ações pedagógicas e a carência de políticas públicas para combater ou minimizar a prática e os efeitos do bullying LGBTQIA+fóbico e a LGBTfobia nas escolas contribuem para que a violência e o preconceito sejam “institucionalizados”. Entendemos que as escolas não devem se silenciar diante do bullying LGBTQIA+fóbico e da LGBTQIA+fobia cada vez mais recorrentes e visíveis no ambiente escolar.

Apesar dos jovens levarem consigo uma gama de preconceitos - que muitas vezes são adquiridos na família, ou por influência de amigos ou mesmo reproduzido pela mídia - estes precisam ser desconstruídos, e o melhor ambiente para isso é o escolar, lugar das diferenças e da pluralidade de pensamentos e “devem fazer todo o possível para combater os estereótipos negativos e promover a aceitação” (RADCLIFFE, 2015, *apud* GOMES *et al*, 2018, p.1). Destarte, entendemos que a escola é lugar de mediar conflitos e superá-los e, dentre eles, as questões envolvendo o gênero, o bullying LGBTQIA+fóbico, o respeito à liberdade e à tolerância são pautas que não podem faltar.

Nesse contexto, Junqueira (2009) aponta que:

Cotidianamente a população LGBT vive em diversos ambientes brasileiros, inclusive nas escolas, situações preconceituosas de exclusão social, negação de cidadania e da dignidade preservada à pessoa humana, violação de direitos e garantias constitucionais (JUNQUEIRA, 2009, p. 13).

Nesse cenário, o presente trabalho se justifica pelo grande número de casos de bullying LGBTQIA+fóbico nas escolas, e que tem negado aos sujeitos LGBTQIA+'s os direitos sociais de dignidade humana e o exercício pleno de cidadania. Muitas vezes, “virando dados estáticos para o Ministério da Educação e Cultura (MEC), na condição de evadidos do espaço escolar, uma vez que não existe um estudo preciso para tal diagnóstico” (MARTINS *et al*, 2020, p. 684).

A motivação para investigar tal temática surgiu a partir da vivência dos membros do grupo, apoiados em uma pesquisa realizada com estudos referentes à LGBTQIA+fobia no Rio Grande do Norte, e aguçou o interesse de se investigar como isso transcorre no âmbito do IFRN. Somando-se a isso, a experiência pessoal de alguns membros, então

estudantes da Licenciatura em Geografia no Campus Natal-Central, os quais evidenciaram a presença do bullying LGBTQIA+fóbico e de barreiras quanto às discussões concernentes à identidade de gênero e à diversidade sexual.

Portanto, pretende-se contribuir com a identificação de possíveis episódios de LGBTQIA+fobia dentro dos Campi do IFRN, nas diversas modalidades de ensino e cursos, assim como, averiguar se a temática é discutida dentro da instituição.

LGBTQIA+fobia e bullying lgbtqia+fóbico: uma discussão necessária no ambiente escolar

Para apresentar as discussões iniciais sobre a LGBTQIA+fobia ou Bullying LGBTQIA+fóbico, é importante deixar nítido que o termo LGBT é como acrônimo de Lésbicas (mulheres cis ou trans que se sentem atraídas por outras mulheres), Gays (homens, cis ou trans, que se sentem atraídos por outros homens), Bissexuais (pessoas que tem atração por dois ou mais gêneros), Travestis e Transexuais - Homens trans ou Mulheres Transexuais - (pessoa que se identifica com gênero, feminino e masculino, diferente daquele que nasceu) (JESUS, 2012). Porém, alguns estudos acrescentaram as letras Q e I, para denotar pessoas *Queer* (pessoas que transitam em todos os gêneros no qual o binarismo não se aplica, isto é, são sujeitos sem identidade e desejos sexuais fixos) e *intersexuais* (pessoas cujo desenvolvimento do órgão genital ou padrão corporal não se encaixa na norma binária, ou seja, não se identificam exclusivamente como masculino e feminino) e o símbolo + para as demais denominações que se inserem na sigla, mas não aparecem representados por nenhuma das letras. Já a expressão Assexuados é utilizada para aqueles e aquelas que não sentem atração sexual por outra pessoa. Dessa maneira, essas definições estão diretamente relacionadas à identidade de gênero, na qual há a quebra da dicotomia de que existem apenas os conceitos de Homem e Mulher, termos usados para diferenciação de gênero.

Consideramos importante elucidar ainda o que se entende por *identidade de gênero e orientação sexual*. Segundo Jesus (2012, p. 14), a *Identidade de Gênero* refere-se ao “Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento [...]”. Assim, “pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero” (ibidem, p 14) Já em relação à *Orientação sexual*, a Pesquisa Nacional sobre o ambiente escolar aponta que se refere “à capacidade de cada pessoa de ter uma

profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas” (Princípios de Yogyakarta, apud Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil, 2016, p. 73).

Após esclarecer quanto aos conceitos referentes à Identidade de gênero, à orientação sexual, bem como às letras que configuram a sigla LGBTQIA+, precisamos aprofundar a discussão sobre a LGBTQIA+fobia. Esse termo faz referência a qualquer atitude caracterizada por preconceito, aversão, violência, física e verbal aos membros da comunidade LGBT, ou, nas palavras da Nota Técnica da FGV/SP é, “todo e qualquer tipo de conduta decorrente de uma aversão à identidade de gênero e/ou orientação sexual de alguém que possa gerar dano moral ou patrimonial, lesão ou qualquer tipo de sofrimento físico, psicológico e/ou sexual ou morte” (GONÇALVES *et al*, 2020, p. 7).

As estatísticas que envolvem as pessoas LGBTs são preocupantes, pois a cada 19 horas, uma pessoa LGBTQIA+ é morta no Brasil, de acordo com Oliveira (2020). Segundo os dados, em 2020 foram contabilizados 237 mortes⁶ (224 homicídios, correspondendo a 94,5% e 13 suicídios o que corresponde a 5,5%), sendo que 22% eram de Gays (51 casos), 70% Travesti e Trans (161 casos), 5% das lésbicas (10 casos), 42,9% trans (191 casos), 1% bissexuais (3 casos) e 2 eram heterossexuais que foram confundidos com gays (0,4%).

Portanto, é evidente que a LGBTQIA+fobia vai além de “simples brincadeiras”, como os pais e as instituições escolares insistem em dizer. Não são somente os risos de canto de boca, nem os apelidos que ferem, nem a exclusão violenta. Conforme assertiva de Cabral *et al* (2013):

A violência para a Organização Mundial da Saúde apresenta-se estruturada sobre quatro categorias de violência sendo elas, a física, correspondente a toda manifestação com o objetivo de ferir; violência psicológica, caracterizada pela humilhação, desrespeito, rejeição, entre outros; violência sexual, quando o agressor abusa de seu poder sobre a vítima na obtenção da gratificação sexual, sem o consentimento da vítima; e

⁶ Com a Pandemia de COVID-19, o distanciamento social provocou uma drástica redução da mobilidade das pessoas, nesse sentido, se compararmos os dados de 2020 com os de outros anos, perceberemos uma redução do número de mortes de pessoas LGBT's pela violência LGBTQIA+fóbica.

negligência, que é a omissão do responsável em proporcionar as necessidades básicas de seu dependente. (CABRAL *et al*, 2013, p. 122)

Isto posto, precisamos falar da LGBTQIA+fobia, temos que visibilizar essa parcela de estudantes que vivem nas sombras. Devemos dar voz a essa porção da população que vive marginalizada. Infelizmente, “os casos de LGBTfobia, só ganham certa relevância na mídia quando envolvem assassinato e, mesmo assim, nem sempre tipificado como violência contra gênero ou LGBTfobia” (GOMES *et al*, 2018, p.4). Ademais, essa prática é ainda mais silenciosa quando entramos no âmbito educacional.

No que diz respeito ao âmbito educacional, as palavras proferidas por Carlos Magno, Presidente da ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos) e pelo Professor Dr. Toni Reis, Diretor Executivo do Grupo Dignidade, responsável pela Pesquisa Nacional sobre o ambiente Educacional no Brasil, refletem bastante essa realidade:

Enquanto no Brasil estamos diante de um retrocesso na agenda progressista por uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade, no âmbito internacional as Nações Unidas vem envidando esforços desde 2008 para coletar informações e apontar respostas para a violência e a discriminação às quais as pessoas LGBT estão sujeitas em muitos países. (PESQUISA NACIONAL SOBRE O AMBIENTE EDUCACIONAL NO BRASIL, 2016, p. 13).

Ainda sobre esse assunto, os autores afirmam que:

Estamos num momento crucial na história brasileira em que precisamos ter resistência e persistência. Resistência para enfrentar a onda obscurantista que gostaria de tomar conta e retroceder as instituições sociais, incluindo a educação. Persistência para continuar atuando com determinação para alcançar uma sociedade de paz e justiça em que todos e todas sejam respeitados/as em suas diferenças, sem distinção de qualquer natureza. (PESQUISA NACIONAL SOBRE O AMBIENTE EDUCACIONAL NO BRASIL, 2016, p. 13).

Portanto, em relação a LGBTQIA+fobia na educação, podemos dizer que tem sido uma guerra pautada nos 5.570 municípios do país (IBGE, 2018), na qual a bancada evangélica da Câmara Federal instigou a criação do termo “Ideologia de Gênero”. Esse termo foi criado como forma de deturpar ou desfigurar as verdadeiras propostas e intenções da comunidade LGBTOIA+, além de mostrar que a população brasileira é diversificada e constituída das mais variadas formas de culturas. No que diz respeito à Orientação Sexual e de Gênero nas escolas, a professora Pino (2017) escreve:

Essa invisibilização, que oculta e não nomeia, é indiferente às questões dos estudantes LGBT, nega a expressão da diversidade sexual, e, ao negá-la, consente, cultive e promove a perpetuação do heterossexismo nas tramas do cotidiano escolar. Ao não dar voz, impossibilita a representatividade. Assim a omissão é um algoz tão cruel quanto o que se chama de “pedagogia do insulto”, ou seja, o rol de piadas, constrangimentos, ofensas, “brincadeiras” heterossexista, ridicularizações, entre outras formas de materializações de preconceito. Portanto é fundamental pautar a discussão sobre diversidade de orientação sexual e identidade de gênero na política educacional e, assim, promover uma educação na perspectiva de emancipação humana, a partir de práticas pedagógicas dispostas a instigar reelaborações da realidade social, fundamentadas em processos dialógicos e críticos de dignificação de vidas e no compromisso com a promoção da igualdade. Nesse contexto, a escola pode sim ser considerada um lugar para discutir a diversidade sexual e, principalmente, garantir o direito humano à livre expressão de gênero, desejos e afetividades. (PINO, 2017, p. 62 e 63).

A assertiva de Pino alerta para a necessidade de a escola não se omitir quanto às discussões sobre a temática de gênero e de orientação sexual. É importante que pais, alunos, equipe pedagógica, professores e direção estejam atentos à prática de bullying contra a população LGBTQIA+ nas escolas. Além disso, é necessário que se combata a quem pratica a lgbtfofia, e esse combate pode e deve se dar com práticas educativas. Ainda sobre o Bullying LGBTQIA+fóbico em ambiente escolar, Lima *et al* (2018) apontam que:

Entender a importância desses tensionamentos dentro do perímetro escolar ajuda também a criar um ambiente favorável à formação de sujeitos não preconceituosos, visto que a educação escolar é um componente obrigatório na hora da formação da identidade social do sujeito. (LIMA *et al*, 2018, p. 7).

Encarar e aceitar que ainda existe o preconceito velado nas “brincadeiras” lgbtfóbicas e entender a existência do bullying LGBTQIA+fóbico é o primeiro passo para se banir essa forma violenta de exclusão. Portanto, a importância de demonstrar as várias facetas do preconceito está ligada à necessidade de dar voz aos violentados, ao direito à liberdade, ao essencial grito de medo e pavor que os LGBTs se privam diariamente devido às violências impostas pela sociedade. Sobre o direito à expressão da orientação sexual no âmbito escolar, discutiremos a seguir.

Orientação sexual no âmbito educacional

No Brasil, desde a constituição de 1988, a educação é um direito de todos e todas, dessa maneira não pode haver exclusão ou seletividade por parte da gestão escolar ou corpo docente. Nesse sentido, é importante que a escola seja um ambiente onde os estudantes se sintam seguros, confortáveis, prevalecendo o respeito e a igualdade entre eles. É necessário que se estimule ações e projetos que promovam a isonomia e o respeito às diferenças.

No entanto, quando tratamos de assuntos ligados ao gênero e à diversidade sexual, o que se tem é uma triste realidade, pois, em 2017, o Ministério da Educação “retirou do documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) [...] trechos que diziam que os estudantes teriam de respeitar a orientação sexual dos demais” (TOKARNIA, 2017). retirando também desses documentos o termo “orientação sexual”. Dessa forma, torna-se inviável as discussões que envolvam a temática na escola pois devido a sua remoção no documento, converte-se em um assunto sem importância. A falta desse debate pode ocasionar maior exclusão de alunos LGBTQIA+ e aumento da taxa de evasão escolar, visto que o corpo docente da escola ficará limitado para desenvolver ações e projetos voltados à inclusão da comunidade LGBT.

A missão da escola é garantir que todos na sociedade respeitem todas as formas de identidade. Não levantar essa questão no BNCC sugere não ser de interesse da escola a reflexão sobre um país sexista, misógino e homofóbico, pela comunidade escolar. Este é um sério revés. Falar sobre as questões de gênero e de orientação sexual dentro das escolas é algo no qual ainda se apresenta como um grande tabu, pois, considerando a escola como aparelho ideológico do Estado, esta termina por tornar popular as ideias provenientes de uma classe dominante que, por medo de perder essa "dominância", sufoca ideias que vão em desencontro à sua ideologia. Esse sufocamento vem por meio de dissimulação dos métodos educacionais, em outras palavras, os professores são obrigados a seguirem uma cartilha com discursos heteronormativos (CALIXTO; FRANÇA, 2016, p 3).

Ainda a esse respeito, Junqueira (2009) aquilata que:

A escola configura-se um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, no qual e em torno do qual existe um preocupante quadro de violência a que estão submetidos milhões de jovens e adultos LGBT – muitos/as dos/as quais vivem, de maneiras distintas, situações delicadas e vulneradoras de internalização da homofobia, negação,

autoculpabilização, auto-aversão. E isso se faz com a participação ou a omissão da família, da comunidade escolar, da sociedade e do Estado. (JUNQUEIRA, 2009, p.15).

Dessa forma, concebendo a escola como espaço democrático e que tem como função social a formação de cidadãos em seu pleno direito e deveres, esta deve acolher e ensinar o respeito à livre expressão sexual, educando assim para a inclusão no âmbito escolar e em toda a sociedade.

Por outro lado, conforme nos ensina Calixto e França (2016):

É preciso que se discutam todas as formas de preconceito para que todos que fazem parte do ambiente escolar sintam-se acolhidos em suas diferenças. Calar-se diante desses temas por mais que divida opiniões é fazer com que se o preconceito se consolide dentro da própria escola. Evitar discutir uma temática como a LGBTfobia na escola é institucionalizar o preconceito, independentemente da percepção ou da existência de casos dentro das instituições, omitir estas discussões é fortalecer a ignorância e preservar o preconceito, além de perpetuar a invisibilidade. (CALIXTO; FRANÇA, 2016, p.3).

É nesse sentido que precisamos trazer à baila as discussões referentes à LGBTQIA+fobia e ao bullying LGBTQIA+fóbico no âmbito escolar. Precisamos problematizar, sensibilizar, instigar e mobilizar à toda comunidade escolar sobre o tema. Ao não discutir ou não denunciar casos, estamos deixando que essa prática se normalize e as várias formas de violência e preconceito se tornem rotina nas escolas.

Teixeira (2011) relata que, dentre as formas de preconceito ou bullying LGBTQIA+fóbico, têm-se o xingamento, as ameaças com intimidação, e humilhação, a difamação, o xingamento e as ofensas, os abusos, o assédio, os gritos e mesmo o “bater, chutar, empurrar, perseguir, violentar, apelidar, furtar ou danificar particulares de pessoas LGBTs ou entendidas como tal.” (TEIXEIRA, 2011, p. 26-27). Nesse sentido, Silva (2018, p. 2) também destaca que “o bullying lgbtfóbico presente nas escolas caracteriza-se como uma privação imposta ao sujeito LGBT, negando-lhe os direitos que lhes são devidos como ser social”, direitos esses já preconizados na Declaração Universal dos Direitos Humanos e referendado na Constituição Brasileira de 1988, os quais preveem que todos e quaisquer pessoas têm o direito ao reconhecimento da dignidade humana, o direito à liberdade e à justiça.

Perante o exposto, é necessário que os órgãos de defesa das causas LGBTQI+ elaborem e reivindiquem ações junto ao Estado, assim como políticas públicas de enfrentamento à LGBTfobia, especialmente dentro do ambiente escolar. Segundo Calixto e França

(2016), é no ambiente escolar que o jovem LGBTQIA + é alvo, pela primeira vez, de hostilidade fora do espaço familiar, o que pode ocasionar vários danos, dentre eles, afetar diretamente o processo de aprendizagem e o desenvolvimento interpessoal.

É muito comum pais e professores confundirem o bullying com brincadeiras típicas de adolescentes. Diante disso, Calhau (2018) sugere alguns critérios estabelecidos para diferenciar brincadeiras e bullying: "ações repetitivas contra a mesma vítima num período prolongado de tempo; desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; ausência de motivos que justifiquem os ataques." (CALHAU, 2018 p 7). O autor ainda acrescenta que se deve estender a esses critérios os sentimentos negativos e as sequelas emocionais motivados por quem sofreu o bullying.

Dessa forma, quando há caso de violência na instituição educacional, é importante que os professores, a equipe pedagógica e os funcionários da instituição saibam lidar com esses problemas com êxito, fazendo com que o aluno se sinta acolhido e aceito, visto que muitas vezes, na própria casa, o discente sofre com essas situações de violência, implicando também, em sua autoestima e na formação cidadã. Contudo, nem sempre há condições por parte do estudante para denunciar tais situações para a gestão escolar devido a uma série de fatores como: vergonha, falta de confiança, medo, ou por temer represálias por parte dos agressores e até mesmo uma possível exposição do assunto em sala de aula. No entanto, é papel da escola intermediar conflitos, dentre eles, os que envolvem a LGBTfobia. Conforme expõe Silva (2018):

[...] por questões ideológicas, culturais, religiosas, pela ausência de formação educacional, de orientação familiar, por ignorância, ou outras, há no país (e mundialmente) grande quantitativo de pessoas e grupos hegemônicos geradores de opiniões, promotores de violência física, psicológica e moral que discriminam os LGBTs, isto é, são lgbtfóbicos que se opõem à formação educacional de respeito à diversidade sexual e à identidade de gênero no ambiente escolar. (SILVA, 2018, p.2).

A partir desse contexto, é notório que o padrão heteronormativo desenvolvido com a binaridade na qual homem nasce homem e mulher nasce mulher estabelece no chão da escola um ambiente de repulsa às diferenças, evidenciando que a violência contra membros da comunidade LGBT e simpatizantes é uma autoafirmação de indivíduos com base em estereótipos de gênero, que cada vez mais estabelecem comportamentos doentio e ofensivos. Dentro deste contexto, Dinis (2011) afirma que:

[...] essa ignorância sobre o tema, assim como a presunção assumida por professoras/es de que a escola só deva discutir assuntos universais, sendo somente a norma da

heterossexualidade concebida como o natural e universal, exclui a sexualidade de estudantes LGBTTs e faz com que a diversidade sexual e de gênero seja um tema excluído do currículo, mesmo das aulas de educação sexual. (DINIS, 2011, p.47).

Depreende-se que é de fundamental importância que as instituições educacionais previnam e extingam toda e qualquer forma de discriminação. Para isso, é necessário que exista um ciclo de diálogo entre professores, funcionários, diretores, pais e alunos, acerca da diversidade sexual para que a escola seja um ambiente de inclusão através da informação e do respeito, onde as barreiras do silêncio sejam quebradas e que as denúncias possam ser resolvidas gerando, assim, um espaço saudável para o desenvolvimento de práticas educacionais que favoreçam uma formação digna para todos os educandos.

Procedimentos Metodológicos

A metodologia levou em consideração uma pesquisa de natureza bibliográfica em “referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites” (Fonseca, 2002, p. 32), e baseou-se nos seguintes autores: Martins *et al* (2020), Junqueira (2009), Radcliffe (2015), Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil (2016), Torres (2013), além dos anuários de instituições como Grupo Gay da Bahia (GGB) e a Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil (Rede Trans Brasil). Dessa forma, a revisão bibliográfica foi essencial para compreensão e entendimento do tema estudado, buscando-se discutir temáticas como: Orientação sexual, identidade de gênero e bullying inspirado na LGBTQIA+fobia no âmbito escolar.

Nesse sentido, os caminhos metodológicos percorridos foram: revisão da literatura; aplicação e tabulação dos questionários on-line e físico nos campi do IFRN e organização da base Cartográfica. Para a elaboração dos recursos cartográficos, utilizamos os dados tabulados referentes a cada campus para a confecção dos mapas de casos de LGBTQIA+fobia e de localização dos campi.

Ressalta-se, ainda, que foi utilizada abordagem qualitativa por permitir maior imersão na essência do tema proposto. Com relação ao público alvo, a pesquisa foi voltada para alunos LGBTQIA+ de todos os cursos e níveis dos campi do IFRN. Não foi estabelecido um número de alunos respondentes, uma vez que não se tem dados estatísticos referentes a esse grupo no IFRN, nesse sentido, para levantamento de dados,

foi aplicado formulários eletrônicos por meio da plataforma Google Forms. Os formulários foram enviados para todos os alunos do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, através do Sistema Acadêmico - o SUAP. Utilizou-se, também, algumas redes sociais (whatsapp; instagram e facebook) e listas de emails para divulgação da pesquisa. O formulário, contendo questões abertas e fechadas, teve um total de 364 respondentes, que relataram suas experiências no IFRN quanto a comentários preconceituosos, violência, constrangimentos; relação com colegas de sala, professores e técnicos administrativos; experiência acadêmica, envolvimento em debates e participação em coletivos sobre a questão de gênero e diversidade sexual.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de julho e outubro de 2018, garantindo o anonimato e o sigilo dos respondentes. A escolha da aplicação via ambiente virtual justifica-se pelo fato de a pesquisa não dispor de recursos financeiros para que seus participantes se deslocassem há todos os campi do IFRN, além disso, outro fator relevante é a flexibilidade e a dinâmica que o ambiente virtual propicia ao pesquisador, como destaca Faleiros *et al* (2016):

Esse crescente uso da internet em todas as faixas etárias, tem instigado os investigadores a desenvolverem questionários virtuais como um método alternativo para a obtenção de respostas em pesquisas científicas. O ambiente virtual proporciona, de forma flexível e dinâmica, a formação de redes de pessoas que compartilham ideias e experiências em comum. (FALEIROS *et al*, 2016, p. 2).

Dessa forma, procuramos utilizar as ferramentas tecnológicas para alcançar o máximo de discentes LGBTQIA+ de todos os campi do IFRN. Já para a tabulação, foi utilizado Planilha Excel com o intuito de organizar os dados em tabelas e gráficos. Após a análise dos dados, foram construídos mapas para identificação dos campi de maior incidência de LGBTQIA+fobia.

Resultados e discussões

Recorte espacial da pesquisa

Com intuito de situar o recorte espacial da pesquisa, o Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte, recorreremos ao Volume 1 do documento base que fundamenta o Projeto Político Pedagógico da Instituição, o qual aponta:

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), nova institucionalidade dada pelos termos da Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008, faz parte da rede federal de educação profissional e tecnológica, vincula-se ao Ministério da Educação, possui natureza jurídica de autarquia e detém autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar. Trata-se de uma instituição de educação superior, básica e profissional, especializada na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, conjugando conhecimentos científicos, técnicos e tecnológicos a ideais pedagógicos de fundamentação histórico-crítica. (IFRN, 2012, Volume 1, p. 19).

A instituição está presente em 22 dos 167 municípios do Rio Grande do Norte, distribuídos nas quatro macrorregiões do estado (Agreste Potiguar, Leste Potiguar, Oeste Potiguar e Central Potiguar), portanto, com uma diversidade de classes sociais, gêneros, raças/etnias, orientações, padrões e religiões. Assim, essa “abrangência em todo o território norte-rio-grandense contribui para posicionar tanto o IFRN como uma instituição de educação, ciência e tecnologia quanto os seus campi como elos de produção de conhecimento e de desenvolvimento social” (IFRN, 2012, p. 20).

Ainda para entender e caracterizar o Instituto Federal do Rio Grande do Norte, o Projeto Político Pedagógico ainda esclarece:

De organização pluricurricular, o IFRN oferece um ensino público, laico, gratuito e de qualidade. Oferta, nesse sentido, cursos em sintonia com a função social que desempenha, visando a consolidação e o fortalecimento dos arranjos produtivos, culturais e sociais locais. (IFRN, 2012, p. 20).

Ainda a respeito das práticas educativas, o IFRN “desenvolve a pesquisa e a extensão, na perspectiva de produção, socialização e difusão de conhecimentos” (IFRN, 2012, p.18) nas quais, cada um dos campi, de acordo com o perfil dos alunos e dos arranjos produtivos sociais e culturais locais das regiões que está inserida, desenvolve projetos dos mais diversificados, contribuindo para a formação humana e cidadã, estimulando o desenvolvimento socioeconômico local, cumprindo assim com sua função social que é “a formação omnilateral que favorece, nos mais variados âmbitos, o (re)dimensionamento qualitativo da práxis social” (ibidem p. 21).

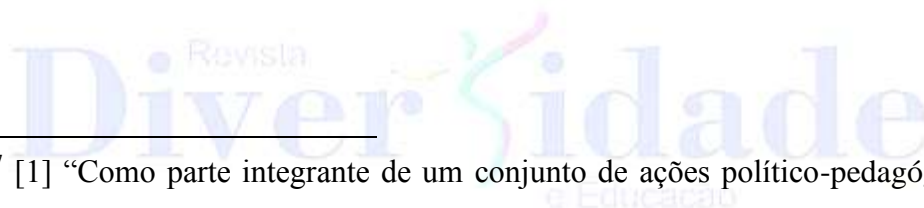
Quanto aos princípios, pontuados do Projeto Político Pedagógico da instituição, destacamos três, dentre os nove que compõe o documento, por entendermos que converge com tema proposto no artigo, assim:

o Instituto deve promover uma formação pautada em uma visão humanística e ancorada nos seguintes princípios:

- a) justiça social, com igualdade, cidadania, ética, emancipação e sustentabilidade ambiental;
- e) formação humana integral, com a produção, a socialização e a difusão do conhecimento científico, técnico-tecnológico, artístico-cultural e desportivo;
- f) inclusão social quanto às condições físicas, intelectuais, culturais e socioeconômicas dos sujeitos, respeitando-se sempre a diversidade;

Nessa senda, o Instituto Federal oferta cursos diversificados, incluindo as modalidades Técnico Integrado, Subsequente, EJA⁷ (Educação de Jovens e Adultos), EAD⁸ (Educação à Distância), Superior, Pós-Graduação. A figura 01 a seguir apresenta a distribuição espacial dos campi do IFRN no espaço territorial do estado, conforme pode ser observado.

FIGURA 01: Distribuição espacial dos campi do IFRN no estado



⁷ [1] “Como parte integrante de um conjunto de ações político-pedagógicas do Governo Federal no ano de 2006, os cursos técnicos integrados na modalidade EJA foram implementados no IFRN, por meio do Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). Instituído pelo Decreto 5.840/2006, o PROEJA objetiva incluir, sob um dimensionamento social e emancipatório, sujeitos que, na faixa etária regular indicada na legislação brasileira, não tiveram a oportunidade de acesso à educação básica ou não a concluíram nessa faixa etária. Em consonância com a função social do Instituto, tal acesso representa um dos fatores que justificam a adesão ao Programa e mobilizam as ações institucionais para a efetivação dessa política inclusiva.” (IFRN, 2012, p. 105).

⁸ No Brasil, as bases legais para a modalidade de educação a distância foram estabelecidas pela **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996), regulamentada pelo Decreto n.º 5.622, publicado no D.O.U. de 20/12/05, com normatização definida na Portaria Ministerial n.º 4.361, de 2004. Em 3 de abril de 2001, a Resolução n.º 1 do Conselho Nacional de Educação estabeleceu as normas para a pós-graduação *lato e stricto sensu*.



Fonte: Autoria própria (2021)

Dos 22 Campi distribuídos pelo território do estado, obtivemos participação de respondentes de 21 Campi, sendo o campus de Jucurutu, no Seridó Potiguar, o único a não ter respondentes do formulário, o que consideramos uma abrangência bastante significativa e que pode traduzir como os alunos LGBTQI+ se situam no âmbito do IFRN.

Com esse perfil proposto, finalizamos a seção com o questionamento: será que o IFRN vem cumprindo sua função social e vem norteando suas ações segundo os princípios propostos? Nas próximas seções apresentaremos os dados da pesquisa tendo como referência a existência ou não do bullying lgbtqia+fóbico no ambiente escolar.

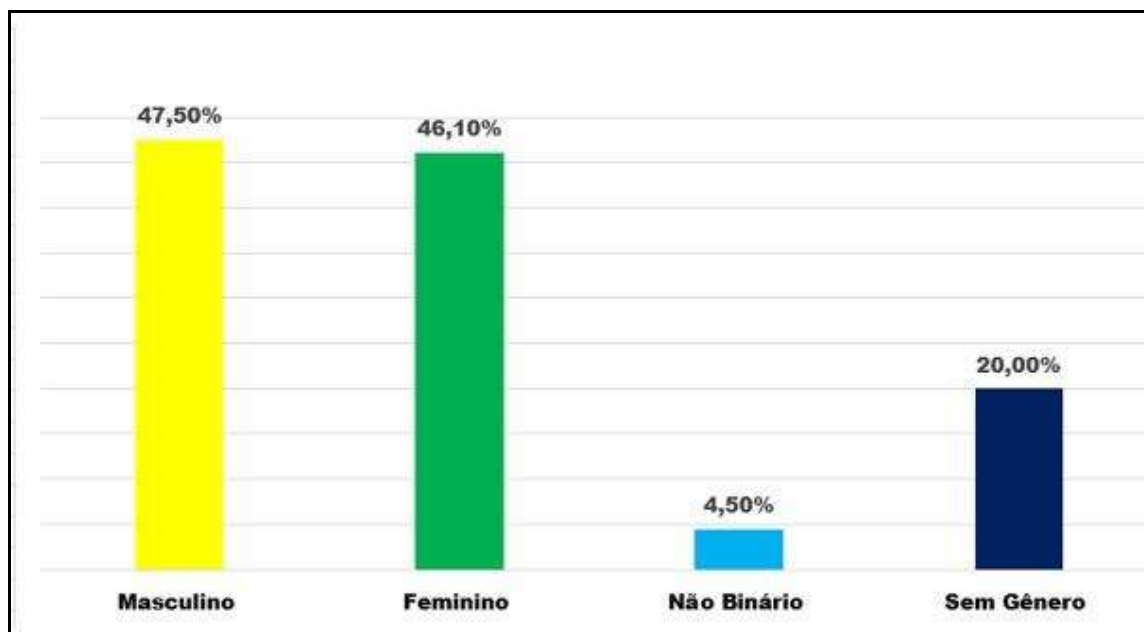
Perfil do entrevistado

Conforme pontuado anteriormente, os formulários foram enviados para todos os alunos do IFRN via sistema acadêmico, e-mail e redes sociais. Obtivemos respostas de 364 discentes, dos quais 360 faziam parte do público alvo da pesquisa. Dentre os formulários respondidos quatro se tornaram veículos para ataques lgbtfóbicos, com utilização de palavras de baixo calão, o que confirma a existência de pessoas

intolerantes com a diversidade de gênero e orientação sexual ou mesmo com a temática referente ao gênero dentro da instituição.

Com a intenção de traçar o perfil dos respondentes, foi solicitado que apontassem com qual gênero se identificam. Os dados podem ser observados na figura 02, a seguir.

FIGURA 02: Gênero dos respondentes



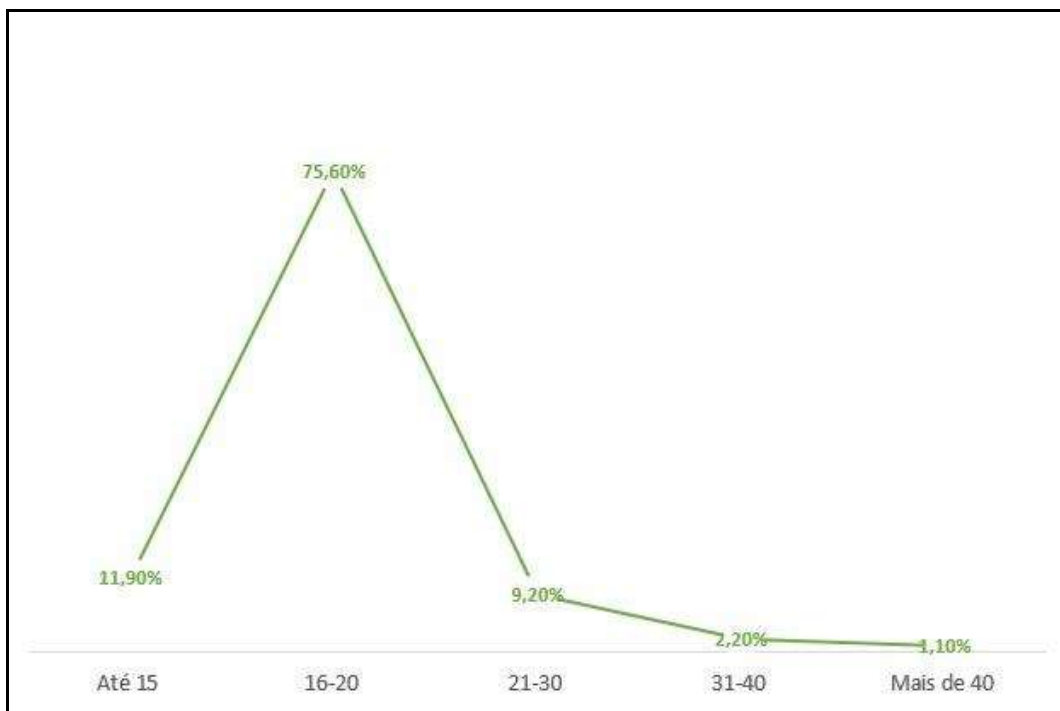
Fonte: Elaborado pelos autores

É importante destacar que a identidade de gênero é a maneira como o indivíduo identifica seu gênero, nesse sentido, não se reduz apenas a masculino e feminino. Como observado no gráfico, uma pequena parcela dos respondentes se identificam como não-binário e agênero: pessoas que não se identificam totalmente com o gênero masculino ou feminino; e pessoas que não se identificam com nenhum gênero, respectivamente.

Quando perguntado com que letra da sigla LGBTQI+ o respondente se identificava, 48% afirmam que são bissexuais (B), 25% gay (G), 11% com o +, 9% lésbica (L), 2% trans ou travestis (T), 1% queer (Q) e apenas 0,3% intersex (I). Como exposto, grande parte dos que responderam à pesquisa afirmam ser bissexuais, ou seja, são aqueles (as) que se relacionam com pessoas tanto do gênero masculino quanto feminino. Dos que apontaram ser bissexuais, a maior parte era do gênero feminino.

No que diz respeito à faixa etária dos respondentes, tivemos participação de alunos da faixa etária que varia entre 15 a mais de 40 anos, como mostra a figura 03:

FIGURA 03 - Faixa etária dos respondentes

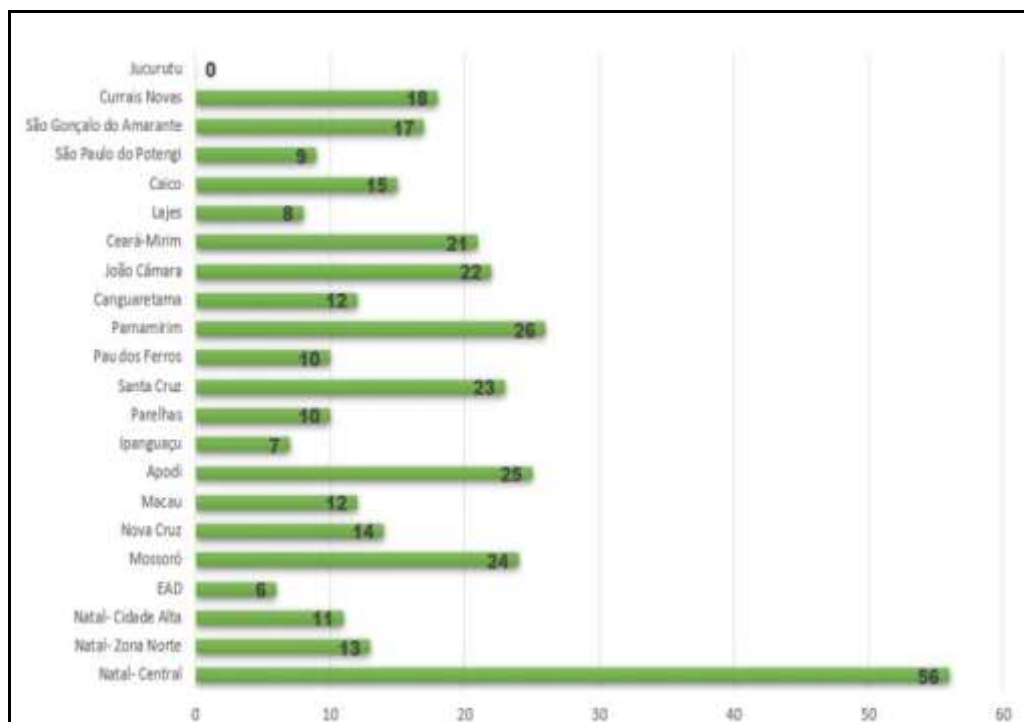


Fonte: Elaborado pelos autores

Percebe-se, então, que a maioria dos respondentes são de alunos adolescentes e jovens na faixa etária entre 15 e 20 anos, pertencentes às mais diversas modalidades oferecidas pela instituição.

No que concerne ao campus ao qual os respondentes estão vinculados, constatou-se que 15% são alunos do campus Natal-central, o que pode ser justificado por ser o campus de maior número de alunos, como também ser o espaço territorial onde está concentrada a base de pesquisa que desenvolveu o estudo, o que ajudou na divulgação e propagação da pesquisa. Na figura 04, pode-se observar o total de respondentes por campus do IFRN.

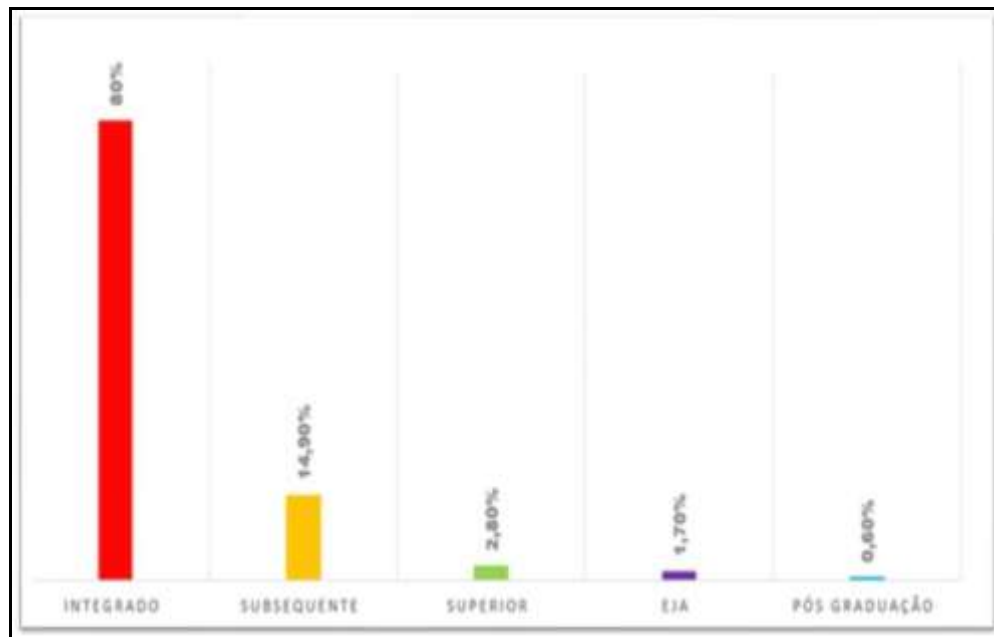
FIGURA 04: Números de alunos respondentes por campus respondente



Fonte: Elaborado pelos autores

Consideramos satisfatória a abrangência do questionário uma vez que, dos 22 campus, tivemos respondentes de 19, distribuídos em 167 municípios e que ofertam ao todo 109 cursos em diversas modalidades: técnico-integrado, superior, subsequente, EJA (Educação de Jovens e Adultos), EaD (Educação à Distância) e Pós-graduação. Dessa maneira, para conhecimento e caracterização do perfil do respondente, indagamos sobre o curso e a modalidade em que o estudante é vinculado, conforme pode-se constatar na figura 05.

FIGURA 05: Modalidade de Estudo dos entrevistados



Fonte: Elaborado pelos autores

Percebe-se com os resultados que a maioria dos respondentes estão matriculados em nível médio integrado e na faixa etária entre 15 a 20 anos. Apareceram respondentes de todas as modalidades de ensino, o que entendemos ser bastante positivo pela representatividade em praticamente todos os campi, faixas etárias e nível de ensino. Podemos inferir que a maior quantidade de respondentes concentrados nos cursos Técnicos Integrados se deve ao fato de ser essa modalidade de ensino presente em todos os campi e com a maior parte das turmas.

LGBTQIA+fobia nos Campi do IFRN

Por mais que o IFRN tenha uma "boa fama" com relação aos LGBTQI+, nós percebemos que ainda existem muito conservadorismo vindo de alguns alunos e servidores e isso precisa ser trabalhado, mas não há um diálogo aberto entre professores e alunos sobre a temática, muitos dos discentes inclusive fazem piadinhas. O único evento dedicado à visibilidade e a construção social relacionado a comunidade é a Semana da Diversidade LGBTQ, e esta é de iniciativa dos próprios alunos do campus. É nítido que precisa de mais diálogo para assim desconstruir conceitos errôneos, só assim será possível obter progresso e acabar com a LGTBFOBIA no

âmbito escolar. (Relato de um estudante, de um curso Técnico Integrado do IFRN Campus Mossoró).

O presente tópico aborda os resultados das questões relacionadas à LGBTfobia nos campi do Instituto Federal do Rio Grande do Norte. A epígrafe, que traz o relato de um aluno do Campus Mossoró, é significativa e reflete bem sobre o assunto. É preciso aprofundar o diálogo sobre a questão de gênero e sobre a LGBTQIA+fobia. Deve-se dar poder de fala a essa parcela de alunos.

Assim, para entender e situar os alunos LGBT's no IFRN, foi perguntado aos estudantes se eles expressam sua orientação sexual dentro dos câmpus do instituto, dos quais 58,3 % responderam que sim, enquanto 41,7% afirmam não expressar sua orientação sexual. Dentre vários fatores que podem justificar o motivo de não expressarem sua orientação sexual, há o medo da discriminação.

Ainda nessa perspectiva, podemos observar, nos relatos a seguir, que os alunos que expressam sua orientação sexual sofrem LGBTfobia.

Fui ridicularizadx com piadas e comentários pelo modo que dancei na calourada(festa) e logo em seguida fui ameaçadx. (Relato de um estudante, do IFRN Campus Natal Zona Norte).

Outro estudante relata que:

Não utilizar pronomes adequados (Relato de um estudante, do IFRN Campus Mossoró).

Assim, percebemos que expressar sua orientação sexual e sua identidade de gênero ainda é um problema dentro do ambiente escolar visto que, por mais que exista uma certa tolerância e liberdade dentro dos Campi, ainda existe preconceito velado.

Solicitamos, ainda, aos respondentes que afirmaram expressar sua orientação sexual nas dependências do IFRN, se eles e elas já sofreram violência por manifestá-las, assim, a maioria dos respondentes, 70,6%, afirmaram não ter sofrido qualquer tipo de violência por externar sua sexualidade dentro dos campi do IFRN. Inicialmente, isso representa um fator positivo e demonstra que o IFRN tem sido uma instituição que respeita a igualdade e a liberdade de expressão e muitas vezes torna-se um ambiente seguro onde o aluno pode mostrar sua identidade de gênero e sexualidade. No entanto, não podemos fechar os olhos para os 29,4% que afirmaram terem sofrido algum tipo de violência dentro do Campus que estudam.

A porcentagem alcançada pela pesquisa pode parecer baixa perto da quantidade de alunos que a Instituição possui, porém, algo importante de se destacar é que nem sempre há vontade, por parte do estudante, de denunciar tais situações para a gestão da

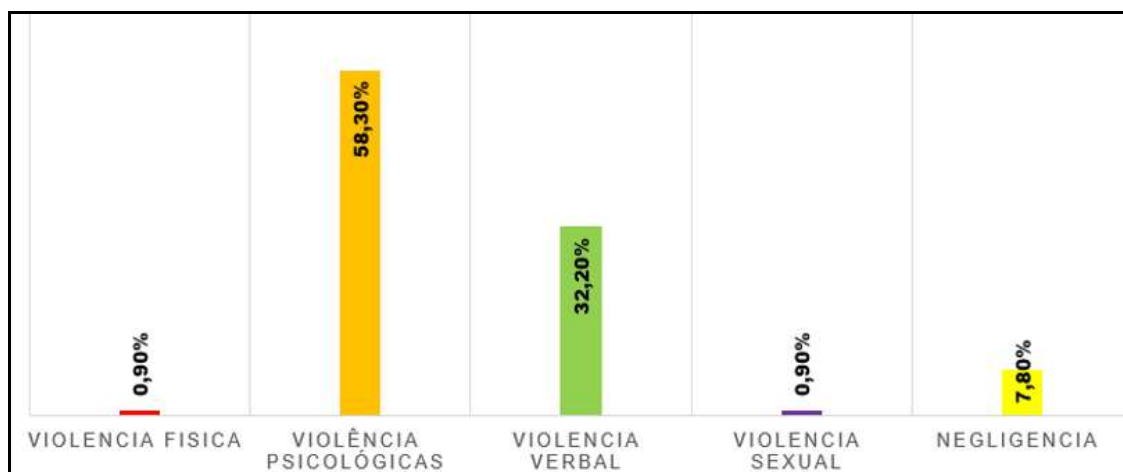
escola, devido a uma série de fatores como: vergonha, falta de confiança, medo de represálias vinda dos agressores e até mesmo uma possível exposição do assunto dentro da escola.

Apesar de muitos alunos afirmarem que não sofreram violência relacionada à expressão da orientação sexual no IFRN, uma parcela dos respondentes disse ter sofrido algum tipo de violência. Isto é preocupante, pois muitas vezes estes alunos sofrem agressões físicas ou verbais diariamente. Dessa maneira, percebe-se o quão importante é banir as práticas de LGBTfobia nas escolas, tornando-as ambientes onde prevaleça a igualdade e a liberdade. É de fundamental importância que as instituições de educação promovam, segundo Pereira e Cavalcante (2021), sequências e propostas didáticas que:

[...] contribuam com a familiarização de todas/os as/os alunas/os - de modo respeitoso, inclusivo e democrático - com a diversidade sexual e de gênero; com o intuito de, sobretudo, despatologizar, desagrarar e descriminalizar as condutas, performances, identidades e orientações afetivas das homossexualidades, transexualidades, bissexualidades, intersexualidades e não-binarismos queer. (PEREIRA; CAVALCANTE, 2021, p. 307).

Aos discentes que afirmaram ter sofrido algum tipo de violência por expressarem sua orientação sexual nos Campi do IFRN, foi solicitado que apontassem qual tipo. Os resultados aparecem expressos na figura 06.

FIGURA 06: Tipos de violência⁹



⁹ Para a Organização Mundial da Saúde, a violência apresenta-se estruturada sobre quatro categorias de violência sendo elas, a física, correspondente a toda manifestação com o objetivo de ferir; violência psicológica, caracterizada pela

Fonte: Elaborado pelos autores

Dessa forma, percebe-se que a maior parte dos respondentes sofrem com a violência psicológica, seguida da violência verbal, da negligência e posteriormente para os casos extremos de violência física e sexual. A fala dos estudantes retratam bem como isso acontece,

camuflada em olhares de rejeição e fofoca, além de comentários que ignoram o respeito. (Relato de uma aluna de um curso Técnico Integrado, do IFRN Campus Apodi).

Nesse sentido, outro aluno afirma que

A lgbtfobia machuca, agride, causa transtornos psicológicos, mata! No IFRN, Campus São Paulo do Potengi, a maioria dos alunos possuem uma cultura homofóbica, onde não há tanta representatividade no âmbito escolar. Portanto, quando vivenciam uma situação de afeto entre duas pessoas do mesmo sexo, agem com diferença. (Relato de um aluno de um curso Técnico Integrado, do IFRN Campus São Paulo Potengi).

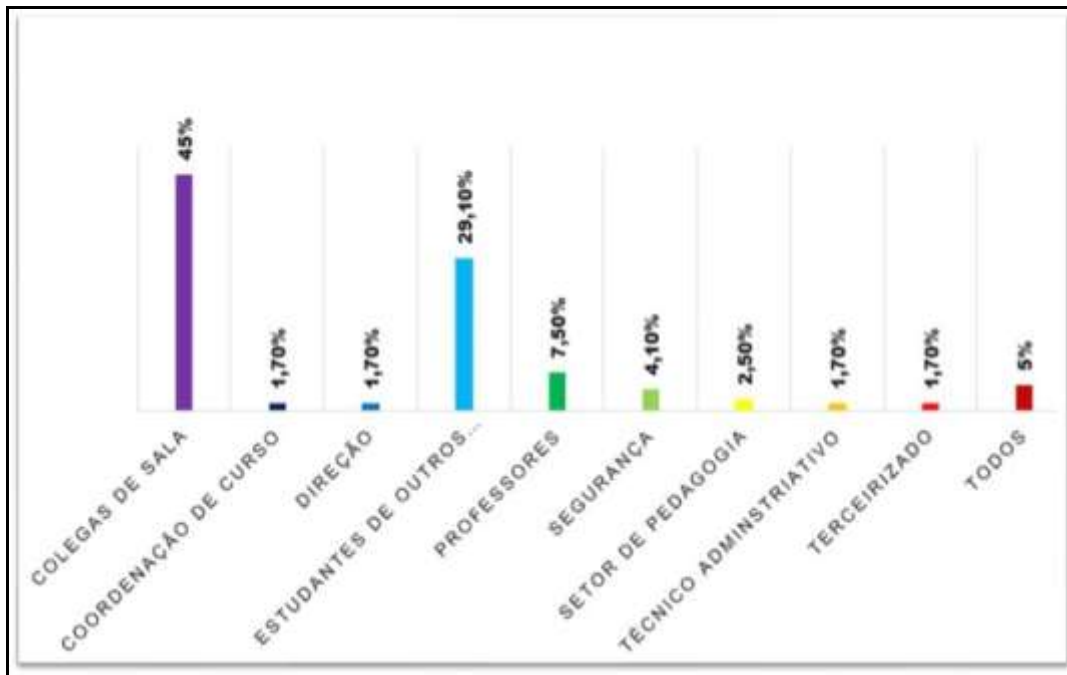
Nesse ponto de vista um outro aluno declara

Embora existam casos de violência física e sexual, de forma geral, a violência predominante no Campus é a psicológica e verbal, pois é bem mais sutil. São brincadeiras, olhares tortos, dificultar um evento e/ou documento. A LGBTQI+fobia no IFRN é inteligente, os agressores sabem que estão errados, por isso fazem de maneira não alarmante. Relato de um aluno de um curso Técnico Integrado, do IFRN Campus Macau).

Além disso, buscou-se identificar por parte de quem, ou de que setor, o aluno sofreu LGBTfobia. O resultado está evidenciado na figura 07.

FIGURA 07: Por parte de quem sofreu LGBTFOBIA no IFRN?

humilhação, desrespeito, rejeição, entre outros; violência sexual, quando o agressor abusa de seu poder sobre a vítima na obtenção da gratificação sexual, sem o consentimento da vítima; e negligência que é a omissão do responsável em proporcionar as necessidades básicas de seu dependente” (CABRAL *et al*, 2013, p. 122).



Fonte: Elaborado pelos autores

De acordo com os dados apresentados no Gráfico, nota-se que a maioria dos alunos sofreram LGBTFOBIA por parte dos colegas de sala de aula. Portanto, é importante que, quando evidenciado casos de violência na instituição educacional, os professores, funcionários da instituição saibam lidar com esses problemas com êxito, fazendo com que o aluno se sinta acolhido e aceito, visto que muitas vezes na própria casa o discente sofre com essas situações de violência, que reflete em sua autoestima e formação cidadã.

Foi questionado o tipo de bullying LGBTQIA+fóbico sofrido pelos alunos. As falas a seguir representam uma dessas formas, cometidas por colegas de sala ou mesmo por outros estudantes do IFRN.

Nessa lógica segue alguns relatos de alunos dos diferentes campi da instituição

Comentários maldosos de "colegas" da escola, por eu ter me assumido bissexual, falando que era eu me amostrando, que eu ia pra o inferno, e coisa do tipo (Relato de um estudante do IFRN Campus Ipangaçu).

Ser chamado de viado sem noção, de não dever fazer parte da sociedade. (Relato de um aluno, de um Curso Técnico Integrado, do IFRN Campus Pau dos Ferros).

Várias situações diferentes onde outros colegas de classe não respeitaram ideias ou assuntos falados por mim e terceiros ou simplesmente não respeitaram a mim ou a

outros (as) colegas meus/minhas em razão de nossa orientação sexual. (Relato de um aluno de um curso subsequente do IFRN Campus Natal-Cidade Alta).

Já ouvi alguns comentários bem desnecessários, e passei por uma situação bem desnecessária no vestiário do campus. (Relato de uma estudante, de um curso Técnico Integrado, do IFRN Campus Apodi).

Comentários maldosos por parte de colegas de classe e ""piadas"" ofensivas que ficaram sendo cochichadas e depois chegaram ao meu conhecimento. (Relato de uma estudante, de um curso Técnico Integrado, do IFRN Campus Natal-Central).

Já mandaram-me "virar" homem, já me chamaram de "viado sem vergonha"... (Relato de um estudante, de um curso Técnico Integrado, do IFRN Campus Mossoró).

Às vezes me sinto excluído na sala de aula por alguns de meus colegas. (Relato de um estudante, de um curso Técnico Integrado, do Campus Caicó).

Um aluno da minha turma compartilhou em um grupo de WPP uma foto com comentários homofóbicos e teve apoio de outros colegas de turma. (Relato de um estudante, de um curso Técnico Integrado, do IFRN Campus Canguaretama).

Observa-se que o bullying LGBTfóbico, proferido pelos alunos e colegas de sala, em sua maioria, ocorre por meio de agressões verbais, exclusão e violência psicológica. Esta prática de LGBTQIA+fobia, como podemos observar, ocorre em várias dependências da instituição: nas salas de aulas, vestiários, além do ambiente virtual. Assim, conversar, debater e denunciar essa prática é imprescindível para que esses episódios diminuam ou mesmo acabem dentro do ambiente escolar.

Em relação ao comportamento dos professores, frente à lgbtfobia, os relatos dos estudantes foram no sentido da prática de “brincadeiras” e “piadinhas” lgbtfóbicas e/ou a omissão dos docentes ao presenciar o bullying lgbtfóbico, como relata alguns alunos:

No âmbito do If, a lgbtfobia ocorre de uma forma mais velada, tanto por parte dos alunos quanto professores (pelo menos comigo), a partir de comentários extremamente inapropriados e até de certos professores se acharem no direito de se meter na minha vida só pelo fato de eu ser lgbt. (Relato de uma estudante, de um Curso Técnico Integrado, do IFRN Campus Natal-Central).

É um preconceito institucionalizado, tanto na diretoria quanto em uma grande parte dos professores do meu campus. Grande foi a resistência na realização do que talvez tenha sido o primeiro evento que debatia questões de sexualidade e gênero, a I Semana Arco-

Íris, realizada pelo grêmio do meu campus e no planejamento da Segunda. (Relato de um estudante, de um Curso Técnico Integrado, do IFRN Campus Mossoró).

Nem sempre existe compreensão por parte dos dirigentes e funcionários da escola, como descreveram alguns alunos. Os relatos a seguir evidenciam como acontece:

“Por já ter sofrido LGBTFOBIA dentro do IFRN, tendo passado por humilhações, busquei a gestão do campus, a qual chamou os envolvidos para uma conversa. Um tempo chamaram também o responsável pelo agressor - outros casos haviam ocorrido, - após conversa (sem minha presença ou de qualquer outro alunx agredidx) foi afirmado que todo ocorrido foi apenas e tão somente "brincadeira de adolescentes." Desde então, mudei meu significado de brincadeira. Brincadeira: agredir alguém psicologicamente, verbalmente, fisicamente ferindo a saúde mental e impedindo os agredidos de ações cotidianas por medo de sair sem nenhuma consequência disto. Brincar não é mais como era antigamente. (Relato de um estudante do IFRN Campus Zona Norte).

“o campus apodi poderia contar com psicólogos que ajudassem mais, não expor todo o que foi contado, assim como ocorreu com outros alunos da instituição, precisam de profissionais em relação ao lgbt”. (Relato de um aluno do IFRN Campus Apodi).

Ofensa verbal do tipo "eu sei do que você gosta viu??" Eu sei o que você quer... (Relato de um aluno de um curso superior do IFRN Campus Natal-Central).

Há casos de homofobia registrados que não tiveram nenhuma punição. (Relato de uma estudante, de um curso Técnico Integrado, do IFRN Campus Mossoró).

Alguns servidores simplesmente não sabem lidar com a sexualidade do aluno, isso não deve jamais interferir no modo como ele ensina (alguns fazem um tipo de diferenciação), ser bissexual NÃO me torna mentalmente incapaz de aprender como qualquer outra pessoa. (Relato de uma estudante, de um curso Técnico Integrado, do IFRN Campus João Câmara).

Fomos expulsxs do campo por estarmos apenas conversando de mãos dadas enquanto outros casais permaneceram. (relato de uma estudante, de um curso Técnico Integrado, do IFRN Campus Natal-Central).

No ifrn-campus Mossoró, especificamente, muitos não fazem a violência física ou verbal, porém fazem o tempo todo- principalmente a área da direção e setor da pedagogia- comentários e atitudes tanto do gênero que fere diretamente a comunidade LGBTQ+ quanto as mulheres. (Relato de um estudante, de um curso Técnico Integrado, do IFRN Campus Mossoró).

Assim, podemos perceber que existem alguns casos de LGBTQIA+fobia dentro dos campi e que muitas vezes são negligenciado pelos dirigentes, equipe técnica-pedagógica e professores da instituição, por isso se faz necessário uma maior discussão a respeito desta temática, não apenas com os alunos, mas também com os funcionários e servidores, para tornar o IFRN um ambiente saudável, seguro e inclusivo para todos. Além disso, ao constatar que ainda existe, por parte de professores, direção e técnicos administrativos a prática de LGBTQIA+fobia, esta não condiz com o Projeto Político Pedagógico da instituição, a qual preza pela busca de um sistema educacional inclusivo e democrático.

Dificuldades de aprendizagem relacionados a LGBTQIA+fobia

Quando falamos em aprendizagem, diversos fatores devem ser levados em consideração pois este processo ocorre a partir da aquisição de conhecimentos, de habilidades, valores e atitudes por meio do estudo, ensino e experiências. Sendo assim, um aluno engajado a construir conhecimento é aquele ativo e criativo, que busca informações além daquelas recebidas em sala de aula. Além dessas características, ele é autônomo, sabe controlar emoções e procura se utilizar de conhecimentos prévios para aprender.

Nessa senda, a existência de bullying pode afetar os alunos vítimas de agressão, podendo influenciar e mesmo provocar dificuldades de aprendizagem. O bullying, segundo Santos (2016):

é uma violência mascarada na forma de brincadeira, mas essas brincadeiras podem acarretar sérios problemas para o processo de aprendizagem e no desenvolvimento do mesmo; tais consequências vão desde o fracasso escolar até casos mais graves como tentativas de suicídio. (SANTOS, 2016, p. 2).

A existência de qualquer forma de bullying, nas dependências das escolas (e mesmo fora dela), faz com que a vítima se retraia, não se concentre nas aulas e, todos os seus esforços sejam direcionados para se defender. Com o bullying LGBTQIA+fóbico não é diferente. Os estudantes são expostos, ridicularizados e muitas vezes “o rendimento escolar dos indivíduos vítimas pode ficar comprometido, visto que, para esses alunos o ambiente escolar já não é mais um local de estudo e sim de medo e sofrimento” (SANTOS, 2016, p. 9).

Assim, diante da possibilidade de existência de bullying LGBTQIA+fóbico nas dependências do IFRN questionamos se, de alguma forma, este interferiu no processo

de aprendizagem dos estudantes, e tivemos os seguintes resultados: dos respondentes, 73,4 % afirmam que não tiveram nenhuma dificuldade, enquanto 26,6 % afirmaram que sim. Apesar da maioria dos participantes da pesquisa não sentirem problemas relacionadas à aprendizagem, o que de certa forma achamos positivo, alguns alunos, mesmo que a minoria, afirmam ter sentido algum tipo de impasse no processo educativo por sofrerem discriminação e preconceito LGBTQIA+fóbico. Dessa forma, é importante que as instituições desenvolvam ações e realizem um acompanhamento para que o aluno não tenha prejuízos em seu desenvolvimento educacional. Isso posto, as ações e medidas que podem ser desenvolvidas pelas instituições são, segundo Pereira e Cavalcante (2021):

Esclarecer quanto às causas e consequências sociais dos privilégios cisheteronormativos e denunciar as LGBTfobias no próprio meio escolar é [...] muito relevante. Além disso, transmitir segurança e incentivo - mediante informações confiáveis, de redes nacionais e internacionais de apoio no combate ao ódio e à ignorância - é também eficaz para impulsionar a representatividade, a autonomia e o protagonismo das/os estudantes LGBTQIA+: a fim de valorizá-las/os e fortalecê-las/os para o enfrentamento de todas as violências e opressões, das quais são alvos recorrentes e/ou estruturais. (PEREIRA; CAVALCANTE, 2021, p.)

Essas medidas são importantes para o combate da LGBTQIA+fobia dentro da Instituição, educando os estudantes para que compreendam que, mesmo estando num mundo heteronormativo, precisamos mudar o nosso modo de pensar e, assim, transformar a escola num ambiente confortável, tanto para aprender, quanto para conviver.

Continuando a análise dos formulários, foi perguntado sobre o fato de terem sofrido bullying LGBTQIA+fóbico, e se isso teve influência em sua frequência na escola: 94,4% enfatizam que não deixaram de frequentar o ambiente escolar por questões ligadas a LGBTQIA+fobia, enquanto 5,6% afirmaram que deixaram de frequentar a escola por esse motivo. O medo, a vergonha e mesmo a pressão psicológica inibem os estudantes, que se sentem intimidados frente aos agressores, fazendo com que deixem de frequentar a instituição de ensino. Alguns alunos se sentem apoiados pelos outros alunos e isso os impulsiona a continuar a encarar o problema.

Vale salientar que os alunos que apontaram dificuldades no processo de aprendizagem afirmaram ter acontecido por não conseguirem participar de trabalhos em grupo, por

serem excluídos pelos próprios colegas, sendo difícil, inclusive, conseguir ou manter um círculo de amizade. Alguns estudantes ainda apontaram a dificuldade em realizar qualquer tipo de diálogo com os professores, o que termina por dificultar o processo de aprendizagem. Outros apontaram que os professores não se posicionam quando presenciaram a exclusão ou algum ato LGBTQIA+fóbico. O relato a seguir mostra como um aluno se sente em relação ao assunto.

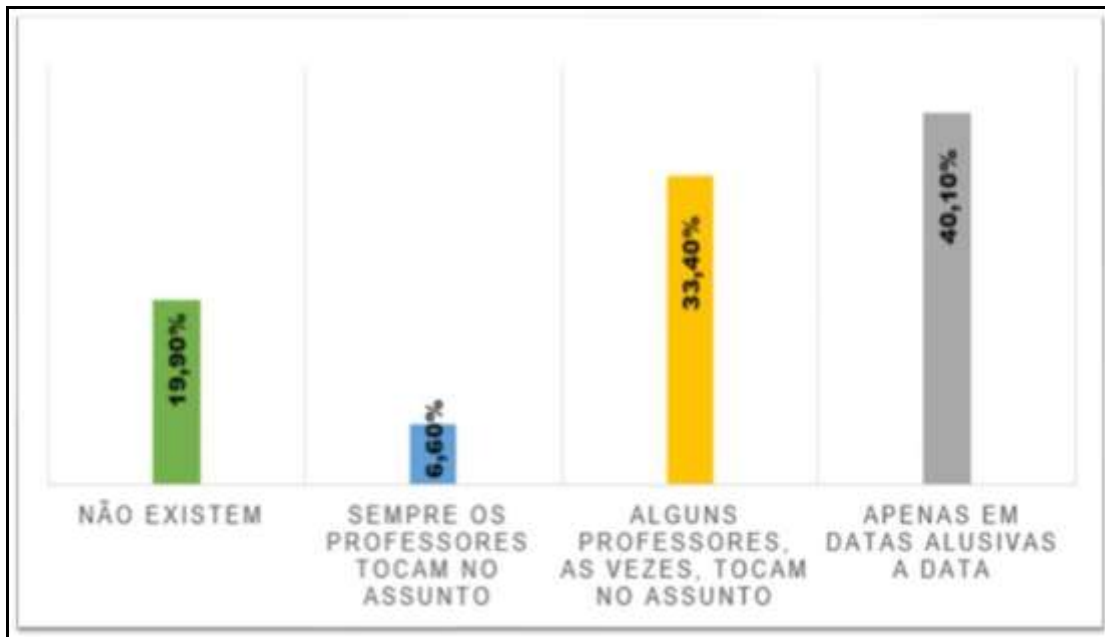
Alguns professores com discursos lgbtfobicos prejudicam a comunidade do campus perpetuando essa cultura que mata gente todos os dias. (Relato de um aluno do Técnico Integrado do IFRN Campus Natal-Central).

A fala do aluno nos alerta para a necessidade de os professores terem mais empatia e somarem na luta pelo combate ao bullying LGBTQIA+fóbico e à LGBTQIA+fobia e não reforçar esse tipo de prática. Entendemos que a escola deve ser um espaço de acolhimento, para que todos criem vínculos sólidos, que possam promover a segurança, afeto, confiança, pois só assim as interferências no processo de aprendizagem escolar serão minimizadas.

Combate à LGBTFOBIA nos campi do IFRN

Combater qualquer tipo de violência, de preconceito, de exclusão, é garantir o direito à cidadania. O respeito à diversidade nas escolas é algo a ser debatido, defendido e massificado. Medidas simples podem ser eficazes no combate ao bullying LGBTQIA+fóbico. Os pais, os educadores e as instituições de ensino devem unir esforços para coibir essa prática. Incentivar espaços de diálogos pode contribuir para o início da democratização da escola. Nesse sentido, perguntamos aos alunos LGBTQIA+ dos IF'S como eram feitas as discussões acerca do tema no campus em que eles estudam, o resultado está retratado na figura 08.

FIGURA 08: Como são feitas as discussões sobre a temática nos campi.



Fonte: Elaborado pelos autores

Pela variação das respostas do gráfico, observamos que a temática é debatida em datas alusivas ou por parte de alguns professores, sendo assim, é necessário que o tema seja discutido constantemente nos institutos, visto que mesmo sendo uma minoria de alunos que sofrem com a LGBTQIA+fobia, o tema é urgente e se as práticas de violência não forem coibidas podem surgir gradativamente. Uma parcela dos respondentes apontaram que não existem discussões em seus campi, o que é uma alerta para que se possa modificar essa realidade. Dessa maneira, a discussão a respeito da temática se torna necessária e muitos dos alunos sentem falta de debates e discussões, como mostram os relatos a seguir.

Apesar de o IFRN ser um ambiente de muita diversidade, ainda assim existem muitas pessoas intolerantes e que não respeitam a orientação nem a opinião que se diferenciam das delas. Eu nunca fui vítima direta de LGBTFOBIA, mas vejo que muitas pessoas sofrem diretamente com a falta de respeito de outras. Penso que o campus poderia trabalhar mais esse tema, a fim de orientar os alunos a começar a pensar abertamente, tendo mais respeito e tolerância (Relato de um estudante, do IFRN Campus Apodi).

Sinto falta dessas discussões na sala de Aula, se estuda sobre negros e ninguém virá negro, se estuda sobre feminicídio e não se vira mulher, pq se estudar LGBTFOBIA irá virar? (Relato de uma estudante, de um curso subsequente do IFRN Campus Natal-Central).

O assunto deve ser discutido de forma mais incisiva e ampla dentro do IFRN para a comunidade acadêmica, em especial professores e técnicos administrativos (Relato de uma estudante, de um curso Superior, do IFRN Campus Natal-Central).

Deviam ter mais debates e movimentos dentro dos campi. (Relato de um estudante, de um curso Técnico Integrado, do IFRN Campus Lajes).

Como é possível perceber, a necessidade de discutir, debater, conversar sobre a temática parte dos próprios estudantes. Eles notam que o assunto é um tabu dentro da instituição e buscam o auxílio de professores ou do grêmio estudantil para a criação de grupos, entidades ou coletivos que tratam dessa temática.

Assim, foi perguntado aos discentes se eles conheciam algum grupo, entidade ou coletivo LGBTQIA+ que atuasse no campus, e obtivemos as seguintes respostas: 81,2% dos respondentes afirmaram desconhecer, ou seja, podem existir, porém eles não conhecem, e 18,8% dizem ter conhecimento. Dos que indicaram conhecer, foi perguntado qual o nome/sigla destes coletivos, o resultado encontra-se abaixo na quadro 1.

QUADRO 1: Nome do coletivo, grupo ou entidade LGBTQI+ existente no Campus, segundo o conhecimento dos respondentes

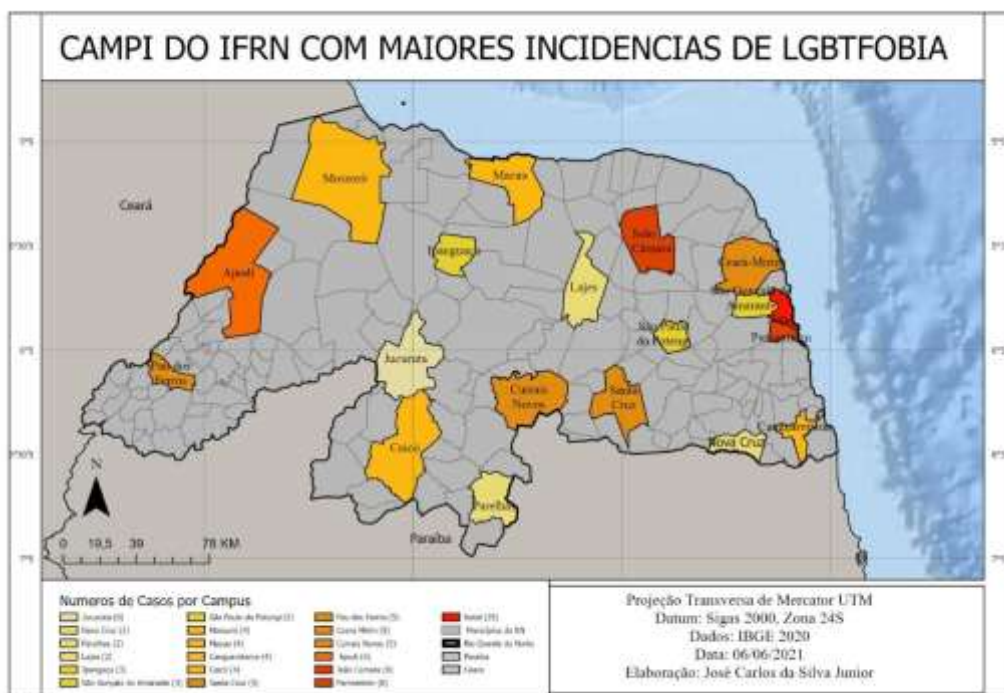
CAMPUS	COLETIVOS, GRUPOS DE PESQUISA OU ENTIDADE LGBTQIA+
Natal- Central	Negedi, Geni Croquete, Grupo de Pesquisa LGBTQIA+, Araruna, Coletivo MIGA
Natal- Zona Norte	Desconhecido
Natal- Cidade Alta	Desconhecido
EAD	Desconhecido
Mossoró	Grêmio Estudantil Valdemar dos Passos
Nova Cruz	Desconhecido
Macau	Desconhecido
Apodi	Desconhecido
Ipanquacu	Grêmio
Parelhas	Desconhecido
Santa Cruz	Desconhecido
Pau dos Ferros	Desconhecido
Parnamirim	Desconhecido
Canguaretama	Desconhecido
João Câmara	Diretoria LGBTQIA+ do Grêmio Estudantil Francisca Alves
Ceará-Mirim	Coletivo Elisa
Lajes	Desconhecido
Caicó	Desconhecido
São Paulo do Potengi	Desconhecido
São Gonçalo do Amarante	Grêmio Estudantil
Currais Novos	Ainda não possui nome
Jucurutu	Desconhecido

Fonte: Elaborado pelos autores

Como observado no Quadro 01, em quase todos os Campi há um completo desconhecimento sobre coletivos e entidades LGBTQIA+ existentes nas dependências dos IFRN. Mesmo os que apontaram saber da existência de grupos LGBTQIA+, desconheciam as denominações, isso aponta para a necessidade desses coletivos de divulgar melhor seus trabalhos e atuações para que os alunos LGBTQIA+'s do instituto tenham conhecimento e, principalmente, se sintam acolhidos, representados e principalmente, possam se juntar nessa árdua batalha contra a LGBTfobia na escola.

Para finalizar a pesquisa, procuramos mapear os Campi onde foram apontados maior incidência de bullying LGBTQIA+fóbico e LGBTQIA+fobia, conforme pode-se observar na figura 09 a seguir:

FIGURA 09: Mapeamento dos campi com maiores casos de LGBTFOBIA.



Fonte: Autoria própria (2021)

Dos campi do IFRN, os que os alunos apontaram com maior frequência a existência de algum tipo de LGBTQIA+fobia proporcionalmente foram o de João Câmara, Parnamirim e nos quatro campus de Natal, sendo o Natal Central os de maiores casos,

enquanto que os câmpus Natal Zona Norte com 13, Natal Cidade Alta 11 casos e o Campus Zona Leste (EAD) com 6 casos.

Por outro lado, é importante ressaltar que, apesar do tabu em relação à temática sobre gênero e orientação sexual constatados nos campi do IFRN, alguns avanços também foram apontados pelos respondentes, conforme pode-se observar a seguir:

O IFRN é um dos poucos lugares que me sinto livre pra ser quem realmente sou. (Relato de uma estudante, de um curso Técnico Integrado do Campus Apodi, IFRN).

No meu campus já avançamos muito nos 3 anos que estudo nele, mas ainda há muito a se conquistar nesse aspecto; espero conseguir com a ajuda do Coletivo aumentar o diálogo e espaço ao movimento no ambiente escolar. (Relato de uma estudante, de um curso subsequente do IFRN Campus Natal-Central).

Não costumo presenciar casos ou ser vítima de lgbtfobia neste campus. Nesse quesito, considero uma boa escola, pois os alunos sempre buscam por engajar a diversidade em eventos, palestras e apresentações que o núcleo de artes e o Grêmio Estudantil realizam. (Relato de uma estudante, de um curso subsequente do IFRN Campus Mossoró).

Nas outras escolas que estudei antes do IFRN, existia muita LGBTFobia (bota evidência nesse 'muita'), mas quando cheguei aqui, é mega raro se deparar com algum caso. Como LGBT, a única coisa que me senti desconfortável desde que entrei no campus, foi como alguns religiosos [protestantes] próximos a mim reagiram quando eu disse que era gay, e até hoje eles têm receio em falar sobre isso. Fico triste em saber que alguns amigos pensam assim. Talvez eu tenha que rever meu conceito de amizade. (Relato de um aluno, de um curso Técnico Integrado, do IFRN Campus Santa Cruz).

No meu campus existe muita diversidade nesse aspecto, o IF é um local onde você se sente muito à vontade, eu sei que algumas pessoas ainda têm preconceitos internos mas não expressam isso em público por não querer que os outros saibam ou talvez por respeito as pessoas. Tem sempre aquele caso de pessoas falando "você pode ser gay mas não precisa ficar se beijando por aí". (Relato de uma aluna, de um curso Técnico Integrado, do IFRN Campus Santa Cruz).

Nunca presenciei nem um ato homofóbico no campus em que estudo. (Relato de um aluno, de um Curso Subsequente, do IFRN Campus Natal-Zona Norte).

Ainda não vi, e graças a Deus que aqui as pessoas conseguem ser quem elas são sem problema algum. Claro que sempre existe alguém que não concorda, mas que respeita. Eu mesma tenho amigos que são héteros, uns concordam, outros não, mas respeitam.

(Relato de uma estudante, de um Curso Técnico Integrado, do Campus João Câmara, IFRN).

O IFRN, foi importante para mim, consegui me abrir e me descobri, encontrei pessoas que conseguiram me ajudar a ser quem eu sou, e saber quem quero ser. Existem comentários ruins? Sim, sempre, mas nesse mesmo lugar achei pessoas que me apoiaram, me deram colo e conforto para ser quem sempre tive medo de ser: eu mesma <3. (Relato de uma estudante, de um curso Técnico Integrado, do IFRN Campus Apodi).

Os relatos dos estudantes nos encham de esperança. Apesar de ainda existirem relatos de bullying LGBTQIA+fóbico nas dependências do IFRN, uma boa parcela aponta o instituto federal como um ambiente de acolhimento, de aceitação e, especialmente, onde eles podem ser o que são, se sentindo totalmente seguros. Temos consciência que ainda se tem muito o que fazer para mudar a triste realidade da lgbtfobia institucionalizada, mas as poucas conquistas devem ser comemoradas e servir de exemplo para outras escolas e para os Campi do IFRN que ainda persistem em reproduzir o discurso e o comportamento LGBTQIA+fóbico.

Considerações finais

Você pode pensar que algumas palavrinhas que uma pessoa diferente ouve todos os dias não machuca, mas eu digo, sim, machuca. Ser chamado de viado, bichinha, gazela, "coisa nojenta" como se fosse "normal" ser chamado assim todos os dias dói, não dor física, mas sim dor emocional, nós ficamos, nós sentimos errados, mas por que? Não sabemos. Por favor, não nos dirijam palavras de ódio, nem nos agridam, nós LGBTI+ apenas queremos ser felizes igual todo mundo, mas de nossa maneira que segundo os outros, é "diferente". (Relato de um aluno, de um curso Técnico Integrado, do IFRN Campus Santa Cruz).

A epígrafe é bastante elucidativa e significativa, mostra a dor que os alunos LGBTQIA+'s sofrem ao serem atacados pelo bullying LGBTQIA+fóbico. O preconceito, velado em forma de brincadeiras, machuca, viola, amedronta, inibe e reflete no processo de ensino e aprendizagem. Os avanços destacados pelos respondentes em relação ao IFRN devem ser comemorados, porém, as práticas ainda presentes na instituição devem ser combatidas, denunciadas e banidas dos muros escolares. Os estudantes devem se sentir livres para ser o que são. Devem se sentir confiantes para denunciar os possíveis casos de bullying LGBTQIA+fóbico. A

formação integrada dos nossos estudantes deve ser ampliada, humanizada e inclusiva em todos os sentidos.

Ao nos propor pesquisar possíveis episódios de LGBTfobia vividos por alunos no IFRN, tínhamos a compreensão da grande dificuldade e, ao mesmo tempo, da delicada missão de tratarmos de um assunto ainda tão estigmatizado. Além de ser um grande tabu, a discussão sobre gênero, orientação sexual e identidade de gênero na escola vem carregada de preconceito, vergonha e sentimentos dos mais diversos. Quando se fala de bullying e violência, o medo é agudizado, uma vez que as vítimas muitas vezes temem os agressores, que podem ser os colegas de sala, outros estudantes, funcionários técnico-administrativos, professores e mesmo dirigentes.

Buscamos dar voz aos alunos LGBTQIA+ apresentando alguns relatos, no entanto, o espaço de um artigo termina sendo pequeno para tantas falas e narrativas. Porém, buscamos dar representatividade aos diversos campus, aos diversos gêneros e aos diversos níveis de ensino. Nossa pretensão era identificar se existia ou não a prática da LGBTQIA+fobia nos diversos espaços do IFRN e como esse assunto é tratado. Constatamos que, mesmo em menor número, ainda é possível encontrar alunos, professores, funcionários e dirigentes que praticam algum tipo de violência LGBTQIA+fóbica. Quando falamos de violência, estamos falando no sentido mais amplo da palavra: a violência física, sexual, verbal e psicológica.

Constatamos que os alunos não se sentem devidamente representados por algum coletivo, grupo de pesquisa ou entidade LGBTQIA+ que atue em seus campus. Isso deve-se ao fato de muitos deles nem saberem da existência desses grupos. Portanto, apontamos a necessidade de maior visibilidade, discussões e ações para o acolhimento desses alunos.

Os professores precisam falar mais sobre o assunto em suas aulas, ficarem atentos à exclusão. Não falar sobre o tema ou falar apenas em datas alusivas à diversidade não inibe os comportamentos LGBTQIA+fóbico. O combate à LGBTQIA+fobia deve ser diário, sistemático e mais enfático. Nesse sentido, a direção dos campi deve empreender campanhas e ações mais eficazes, uma vez que foi apontada pouca ação por parte dos dirigentes. Ações educativas para os estudantes, professores, terceirizados e equipe técnica administrativa se faz necessária, pois é preciso que se construa uma cultura de direitos humanos e cidadania no contexto escolar, com respeito, reconhecimento e valorização das diferenças e diversidades.

Para finalizar, salientamos que enfrentamos diversas dificuldades para a realização do estudo, dentre as quais citamos: a dificuldade em quantificar o real universo da pesquisa por alguns alunos ainda não assumirem sua orientação sexual e identidade de gênero nas dependências da escola ou mesmo para a sociedade em geral, porém, consideramos que os resultados obtidos no presente trabalho podem servir de apoio ao desenvolvimento de ações ligadas ao tema. Além disso, a não aceitação por parte da família e colegas de sala é apontado pelos estudantes como uma grande barreira, por isso alguns se recusaram a responder ao formulário (mesmo sabendo do respeito ao anonimato).

Além disso, mesmo que em pequena quantidade, recebemos formulários que desmerecem a pesquisa ou mesmo que atacavam com palavras de baixo calão; ao tentarmos aplicar formulários físicos, a desconfiança, o medo, a vergonha, apareciam estampados nos rostos de alguns, afastando os possíveis respondentes; a falta de recursos para o desenvolvimento do projeto foi um grande empecilho para poder aplicar os questionários físicos em todos os campi do IFRN, bem como para divulgar a pesquisa e fazer o acolhimento necessário para os alunos LGBTQIA+'s.

Destacamos como é importante o atendimento e acompanhamento psicossocial semanal para os estudantes LGBTQIA+ que sofreram ou sofrem bullying LGBTQIA+fóbico nas dependências do IFRN. Um olhar mais atento por parte da direção, da equipe técnica-pedagógica, dos professores e dos funcionários de forma geral, se faz urgente e necessário. Campanhas, palestras e debates sobre a temática de orientação e diversidade sexual, uma vez que a ampliação do conhecimento dos alunos pode promover o respeito e podem contribuir para minimizar o preconceito e, conseqüentemente, a violência contra os alunos LGBTQIA+, garantindo que a escola seja um espaço democrático, plural, seguro e que respeite a diversidade.

Finalizamos apontando a importância e relevância de estudos que possam identificar o bullying e a LGBTQIA+fobia nas escolas. Identificar, quantificar e acolher os agressores e as vítimas nos faz crer que seja um caminho necessário e eficaz.

*Agradecemos aos participantes da pesquisa e prestamos nossa solidariedade àqueles que foram vítimas de qualquer tipo de bullying e LGBTQIA+fobia na escola.

Referências

CABRAL, Vinicius; ORNAT, Marcio José; SILVA, Joseli Maria. As relações entre espaço, violência e a Vivência travesti na cidade de Ponta Grossa – Paraná – Brasil. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n.35, Volume Especial, p.118-135, 2013.

CALHAU, Lélío Braga Bullying: o que você precisa saber. Identificação, prevenção e repressão. 4 ed. Belo Horizonte: Editora Rodapé, 2018.

CALIXTO, Thiago Guilherme; FRANÇA, Marlene Helena de Oliveira. LGBTfobia no ambiente escolar: desafios da prática docente. Anais do III CONEDU, Congresso Nacional de Educação, 2016. Disponível em https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALHO_EV056_M D4_SA11_ID5735_12082016183610.pdf. Acesso em 20 de maio de 2018.

DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 39-50, jan./abr. 2011. Editora UFPR. Disponível em <https://www.scielo.br/j/er/a/vPn3QsCqr7HXykj5TbzL6tr/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 20 de maio de 2018.

FALEIROS, F; KÄPPLER, C; PONTES, F. A. R.; SILVA, S. S.C.; GOES, F.S.N; CUCIK, C. D. Uso de questionário online e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos. Texto Contexto Enferm, 2016; 25(4):e3880014. Disponível em <https://www.scielo.br/j/tce/a/Hjf6ghPxx7LT78W3JBTdpjf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 20 de maio de 2018.

GOMES, Jean Claude de Souza; FRANÇA, Rebecka de; SILVA JÚNIOR, José Carlos da; VIANA, João Paulo Teixeira; ARAÚJO, Maria Cristina Cavalcanti de. LGBTFobia em âmbito escolar e suas interferências no processo de aprendizagem: mapeando a lgbtfobia nos Institutos Federais do Rio Grande do Norte. Disponível em <https://cointer.institutoidv.org/inscricao/pdvl/uploadsAnais/LGBTFOBIA-EM-%C3%82MBITO-ESCOLAR-E-SUAS-INTERFER%C3%84NCIAS-NO-PROCESSO-DE-APRENDIZAGEM-MAPEANDO-A-LGBTFOBIA-NOS->

INSTITUTOS-FEDERAIS-DO-RIO-GRANDE-DO-NORTE.pdf. Acesso em 20 de maio de 2018.

GONÇALVES, A. C.; SPINELLI, A. C.; FERRAZZO, Bruna; CARVALHO, B. P. de; ESTEFANY, Monteiro; HERNANDES, Eurídice; MARTI, Gabriella; SOUZA, G. R. de A. e; LAGAZZI, J. V.; FRAIGE, Júlia; REIMBERG, Juliana; MENDONÇA, Luiza; REIBSCHEID, Michelle; SCARPIM, M. A.; WEI, Sarah. NOTA TÉCNICA. A Violência LGBTQIA+ no Brasil. São Paulo: FGV Direito, Dezembro de 2020.

Disponível em

https://www.fgv.br/mailling/2020/webinar/DIREITO/Nota_Tecnica_n.pdf. Acesso em 08 de junho de 2021.

GRUPO GAY DA BAHIA - GGB. Relatório Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil 2019. 2019. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/>. GRUPO GAY DA BAHIA. Acesso em 08 de junho de 2021.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE. Projeto Político-pedagógico do IFRN: uma construção coletiva. Volume 1, Natal/RN: IFRN, 2012. Disponível em <https://portal.ifrn.edu.br/ifrn/institucional/projeto-politico-pedagogico-1/lateral/menu-1/volume-1-documento-base>. Acesso em 12 de junho de 2021.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos / Jaqueline Gomes de Jesus. Brasília: Autor, 2012. 24p. : il. (algumas color.)

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LIMA, Mariana Batista de. DE GRANDE, Paula Bacarat. Diferentes formas de ser mulher na hipermídia. In: ROJO, Roxane. (Org.). Escola conectada: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013, p. 37 a 58.

LIMA, Eduardo; FERREIRA, Ewerton da Silva; CORREA, Paloma; PELEGRINO, Gregório Avanzi; QUADRADO, Jaqueline Carvalho. Bullying Escolar: relações de Gênero em pauta. Anais do 10º Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão - SIEPE. Universidade Federal do Pampa. Santana do Livramento. 2018. Disponível em https://guri.unipampa.edu.br/uploads/evt/arg_trabalhos/16851/seer_16851.pdf. Acesso: 20 de maio de 2021.

MARTINS, João Batista. Contribuições epistemológicas da abordagem multirreferencial para a compreensão dos fenômenos educacionais. Revista Brasileira de Educação. Maio /Jun /Jul /Ago 2004 No 26.

MARTINS, José Geovânio Buenos Aires; DUQUE, Adauto Neto Fonseca; NASCIMENTO, Juscelino Francisco do; MARTINS, Maria Greuvânia Buenos Aires; ARAGÃO, Janaína Alvarenga; SOUSA, Evandro Alberto de. Enfrentamentos ao bullying homofóbico na escola: convite para uma reflexão. Temporalidades – Revista de História, ISSN 1984-6150, Edição 32, v. 12, n. 1 (Jan./Abr. 2020). p. 681-701.

OLIVEIRA, J. M. D. de. (2020). Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia/ José Marcelo Domingos de Oliveira; Luiz Mott. – 1. ed. – Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020. Recuperado em:

<https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>

PINO, A. M. de O. Diversidade sexual e educação: uma relação de desafios e possibilidades. Natal-RN, IFRN, 2017.

PEREIRA, Francisco Victor Macêdo; CAVALCANTE, José Henrique. Identidades de gênero, diversidade sexual e enfrentamento à lgbtfobia nas aulas de língua inglesa. Revista Interinstitucional Artes de Educar, v. 7, n. 1, p. 1543-1564, 2021. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/54781/0>. Acesso em 14 jun 2021

RADCLIFFE, Charles. Escolas devem combater homofobia que vem de casa. UOL: Entrevista a Leonardo Sakamoto. 06/08/2015. Disponível em <http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/08/06/escolas-devem-combaterhomofobia-que-vem-decasa-diz-especialista-da-onu>. Acesso em: 10 ago 2017.

REIS, Toni; HARRAD, David; KOSCIW, Joseph. Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

SANTOS, Luciana Souza de Jesus. Consequências do bullying no processo de aprendizagem. 2016. Disponível em <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc6-6.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2020.

SILVA, Adriane Giugni. A naturalização do bullying lgbtfóbico em escolas públicas do ensino médio. Disponível em <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/190.pdf>. Acesso em 08 de junho de 2021.

TEIXEIRA, G. Manual antibullying: para alunos, pais e professores. Rio de Janeiro: BestSeller, 2011.

TOKARNIA, Mariana. MEC retira termo "orientação sexual" da Base Curricular. Agência Brasil, Brasília: Publicado em 07/04/2017. Educação. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-04/mec-retira-termo-orientacao-sexual-da-versao-final-da-base-curricular>. Acesso em 30 de nov de 2021.

Recebido em setembro de 2021.

Aprovado em dezembro de 2021.